



ESCOLA DE
HUMANIDADES

LETRÔNICA

Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS

Letrônica, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 1-6, jan.-dez. 2022

e-ISSN: 1984-4301

<http://dx.doi.org/10.15448/1984-4301.2022.1.41237>

SEÇÃO: PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL EM CONTEXTOS INTERNACIONAIS

Língua de Acolhimento: experiências no Brasil e no Mundo

Welcoming Language: World and Brazil experiences

Eric Júnior Costa¹

orcid.org/0000-0001-8844-5175
linguistica13@gmail.com

Frederico Alves Caiafa²

orcid.org/0000-0002-9971-8316
fredericocaiafa@gmail.com

Recebido em: 02 jul. 2021.

Aprovado em: 31 maio. 2022.

Publicado em: 02 dez. 2022.

FERREIRA, Luciane C.; PERNA, Cristina; GUALDA, Ricardo; LEURQUIN, Eulália V. L. F. (org.). *Língua de Acolhimento: experiências no Brasil e no mundo*. Belo Horizonte: Mosaico Produção Editorial, 2019. 296 p.

Os debates e as pesquisas em torno dos fenômenos migratórios vêm crescendo significativamente nos últimos anos e, nesse cenário, destaca-se o ensino e a aprendizagem de línguas em um contexto de migração forçada. Com o intuito de tratar o Português como Língua de Acolhimento (PLAc) sob diferentes ângulos e aportes teórico-metodológicos, além de oferecer os primeiros passos na docência a interessados nessa área, o livro *Língua de Acolhimento: experiências no Brasil e no mundo*, apresenta-se como uma oportunidade de formação. É fruto de um trabalho conjunto de quatro pesquisadores, Luciane Ferreira, Cristina Perna, Eulália Leurquin e Ricardo Gualda. O lançamento ocorreu em 2019, pela Editora Mosaico de Belo Horizonte. O livro tem 296 páginas, divididas em quatro partes: a introdutória, feita pela primeira autora; experiências do PLAc no Brasil; experiência do PLAc no exterior; informações sobre os autores dos capítulos.

Na introdução, "Língua de Acolhimento: experiências no Brasil e no mundo: algumas palavras", são apresentadas as motivações que levaram a primeira autora a divulgar suas vivências *in loco* na Turquia, Grécia, Alemanha e Chile com os migrantes e com pesquisadores que se dedicam ao ensino e à aprendizagem de línguas no contexto de migração forçada. Na sequência, são descritas as duas divisões do livro, a primeira "Experiências de ensino de língua de acolhimento no Brasil" traz relatos, curiosidades, desafios e conquistas enfrentados por pesquisadores que se dedicam aos estudos das políticas linguísticas no contexto da migração forçada. Já a segunda, "As experiências sobre ensino de acolhimento no exterior", aborda o contexto de educação para migrantes na Finlândia, Grécia, Chile e Alemanha. Os capítulos tratam do perfil e das formas de acolhimento a migrantes; da elaboração de atividades artísticas para



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte, MG, Brasil.

² Universidade Nova de Lisboa (UNL), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Instituto de História da Arte, Lisboa, Portugal.

crianças e adultos; da estruturação de um curso de extensão para haitianos e suas motivações para o letramento em uma escola pública.

No primeiro capítulo, escrito por Yara Miranda e Ana Lopez, são discutidos os processos de deslocamento forçado no mundo moderno, o contexto de ensino e aprendizagem do PLAc, considerando a formação de professores para esse âmbito e é apresentada uma crítica à omissão do estado brasileiro para políticas de recepção a migrantes. O capítulo objetiva contribuir para a discussão de políticas linguísticas no PLAc e na formação docente. Foram utilizados registros de questionários aplicados *online* a professores e as análises feitas pelo paradigma qualitativo de cunho interpretativista. As autoras também apresentam as noções de política linguística e discutem os dois termos-chave, o Português Língua Adicional (PLA) e o PLAc, e ressaltam criticamente a transposição do termo PLAc de Portugal para o Brasil, e a formação de professores baseada em reflexões e debates que levam em consideração a interculturalidade no processo de acolhimento. As características compartilhadas pelos professores que responderam aos questionários auxiliam a traçar o perfil dos participantes, seus contextos de atuação e experiências prévias com o PLAc e com agentes envolvidos nessas formações. Ao relacionar teoria e prática, elas concluem que professores de PLAc devem executar políticas linguísticas não hierárquicas. Para tanto, é necessário investimento em políticas públicas na formação desses professores e a ampla institucionalização do PLAc nas universidades brasileiras.

O segundo capítulo, escrito por Bruna Ruano e Carla Cursino, informa o número de refugiados no contexto global enfatizando a cidade Curitiba, em especial, as organizações não governamentais e a iniciativa da Universidade Federal do Paraná em criar, em 2013, um projeto de extensão de Português Brasileiro para imigrantes em condição de vulnerabilidade. Reflexões e adaptações foram necessárias, como o comprometimento de professores e a organização de materiais didáticos específicos ao contexto. Foi aplicada a prática do multiletramento, em 2015, de onde

surgiu o grupo de pesquisa Multiletramentos em Português como Língua Estrangeira. Além disso, as autoras amparam-se na noção de *second space*, a sala de aula e para além dela. Após, apresentam projetos com migrantes na cidade de Curitiba por meio de práticas de letramento, distintas das adotadas comumente no Brasil, com ênfase nas dificuldades de compreensão de gêneros textuais. Ao colocar em prática as noções de multiletramento, as autoras abordam espaços pedagógicos alternativos para acolhê-los, desenvolvendo a dimensão afetiva, como, por exemplo, o projeto do âmbito da Psicologia, que objetiva atendê-los, uma vez que escutá-los implicava o desenvolvimento de atividades e o êxito no aprendizado do português. O setor de Psicologia realiza a formação dos professores de PLAc, e o objetivo é o relato de situações de dor, traumas, preconceito em sala e, assim, elaborar estratégias coletivamente. O segundo projeto destaca a contação de história por meio do Tandem, um método de aprendizagem de uma língua que tem bases de sustentação na autonomia e na reciprocidade. Iniciou em 2007 para organizar parcerias entre brasileiros e estrangeiros na formação linguístico-cultural e integração dos alunos estrangeiros à comunidade. Depoimentos de migrantes exemplificam a eficácia da metodologia, ao proporcionar um ambiente de aprendizagem mais acolhedor que as aulas de cursos regulares de língua. Por último, é apresentado o projeto que envolve Literatura de Refúgio, iniciado em 2016, cujo ineditismo foi selecionar, traduzir textos literários de temática da migração forçada do século 20 em diversos países. Participaram estudantes do curso de Letras e migrantes em espaços públicos e culturais de Curitiba.

O terceiro capítulo, de Desirée Oliveira, aborda os contextos (inter)nacionais da migração forçada com foco na migração haitiana para Minas Gerais na última década. No âmbito da Educação, a autora, apresenta as adversidades para o ingresso nas universidades públicas brasileiras e contextualiza a iniciativa de 2015, na Universidade Federal de Minas Gerais, o Projeto

Pró-Imigrantes, um curso preparatório para o Enem. Na sequência, contextualiza o Enem e o PLAc pelo viés da interculturalidade. Foram realizadas entrevistas com três professores do projeto responsáveis pelas disciplinas de História, de Linguagens e de Química que contavam com três alunos haitianos e uma análise qualitativa de relatos de experiência de 2017. A discussão foca as dificuldades enfrentadas pelos alunos devido à rotina pesada por trabalho e estudos, às diferenças entre os sistemas escolares dos dois países, à falta de acesso à *internet*, e as dificuldades de apreensão da modalidade formal do português para o Enem.

O quarto capítulo, de Laura Soares e Larrisa Tirloni aborda o trabalho realizado, em 2016, no âmbito do PLAc com o projeto de contação de histórias, vinculado à Universidade Federal da Fronteira Sul, em Chapecó, Santa Catarina. As literaturas brasileiras e haitianas foram a metodologia da Pedagogia de Projetos e da interculturalidade no desenvolvimento de atividades em um *blog*. A teoria aborda as normativas migratórias haitianas sobre o refúgio e o visto humanitário. Foi aplicada uma pesquisa-ação com base na alteridade, no ensino crítico da língua e na valorização da cultura haitiana. O planejamento das 18 horas/aula e atividades por meio da literatura popular de gênero oral resultou em produções dos alunos sobre textos haitianos. Foram avaliadas positivamente a execução do projeto e a metodologia como um caminho para o ensino de línguas para migrantes.

No quinto capítulo, de Gabriela Bulla, Rodrigo Silva, Bruna de Oliveira e Janaina Conceição, é abordada a imagem dos estrangeiros nas universidades brasileiras e as novas configurações geopolíticas têm alterado este perfil, incluindo os refugiados por meio de políticas linguísticas, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul através de edital extravestibular em 2017. Para os cursos de extensão, iniciados em 1993, são apresentados os programas de português para estrangeiros, com a inclusão de cursos para migrantes forçados desde 2015. Em 2018, foi acolhido o primeiro grupo de refugiados na gra-

duação que recebeu gratuitamente um curso de português. Foi apresentado o projeto *Labmig*, que aborda, de forma interdisciplinar e multimodal, o conhecimento dos alunos sobre Porto Alegre, incluindo noções sobre os gêneros textuais. São descritos resultados de oficinas aplicadas em uma escola pública municipal em 2016, com destaque para os materiais didáticos, tarefas e ferramentas utilizados. A partir do *Labmig* foi criado um grupo de pesquisa que amplia as discussões sobre migrações e o ensino de PLAc, que organizou em 2018 um evento interdisciplinar sobre o tema.

No antepenúltimo capítulo, escrito por Maria da Conceição Lopes e desenvolvido no âmbito da internacionalização, relata-se uma ação entre atores e setores da Universidade Federal de Roraima, que pretendiam preparar alunos de diversas nacionalidades para o Celpe-Bras. A autora relata as dificuldades enfrentadas durante um curso, em 2016, e as estratégias para solucionar problemas, como encontros pedagógicos, grupos virtuais com os professores, acompanhamento da aprendizagem, aulas de campo, visitas educativas pela cidade de Boa Vista e participação em eventos promovidos pela universidade. A metodologia baseou-se na criação de um ambiente lúdico para promover o incentivo e o intercâmbio do uso da língua em uma abordagem sociointeracionista. Os resultados indicaram maior participação dos alunos por meio do engajamento discursivo, o que promoveu o desenvolvimento de ideias e o posicionamento diante de temáticas, além da defesa de suas culturas.

O penúltimo capítulo foi escrito por Cristina Perna e Graziela Andrighetti que aprofundam a concepção de PLAc e a relação entre língua e integração de migrantes. Propõem uma reflexão, do ponto de vista da Linguística Pragmática, sobre a atuação de professores a partir das variações que o próprio contexto de atuação apresenta. Relatam a experiência em 2017, com 30 haitianos, focando-se na análise de materiais didáticos que serviu para escolhas pedagógicas e apontou em que medida os temas e os conteúdos estavam comprometidos com a realidade dos alunos. A metodologia, a partir da seleção das unidades

didáticas analisadas, relaciona-se à *práxis* das autoras, possibilitando focar nas dificuldades dos alunos. As autoras trabalharam as unidades de dois livros de PLAc que tratam da colocação no mercado de trabalho, hábitos alimentares, compra e venda de mercadorias. Elas apresentam crítica, sugestões e contribuições a um dos livros, com base na Linguística Pragmática e na necessidade de inclusão de atividades sobre a competência pragmática e os papéis sociais que os imigrantes exercem.

O último capítulo foi escrito por Marília Cotinguiba, Geraldo Cotinguiba e Werner Pereira e tem o objetivo de narrar experiências de um curso de português em contextos diferentes, em Rondônia e no Haiti. A metodologia utilizada é a interação dialógica da pesquisa de campo etnográfica no Brasil e no país caribenho em uma perspectiva intercultural. São descritas as experiências vividas em 2011 por haitianos em Rondônia, cujo projeto continuava ativo até a data da escrita do artigo, 2018. As reflexões e limitações para sua realização são destacadas e, para sanar obstáculos, os autores tiveram a oportunidade de um mergulho cultural na cosmovisão haitiana antes de empreendê-lo. Em 2013, realizaram outro trabalho, desta vez em Santa Catarina, também com migrantes haitianos, finalizado, em 2014, com um glossário bilingue crioulo-haitiano português/português crioulo-haitiano.

A segunda parte do livro, "As Experiências sobre o ensino e acolhimento no exterior", começa com o capítulo de Heide Varaala que destaca o contexto multilíngue da Finlândia, e o número de requerentes de asilo, a partir de 2015. O capítulo delinea o sistema educacional naquele país e os percursos do treinamento de integração e educação básica de adultos imigrantes. Quanto ao treinamento de integração, ressalta que é de responsabilidade do Ministério de Relações Econômicas e Emprego a oferta de cursos de finlandês e sueco, que há uma avaliação para conhecer o nível de proficiência dos alunos e a intensidade adequada de seu treinamento, de um curso de aproximadamente 10 meses, gratuito, e que os participantes recebem auxílio financeiro

com o objetivo final de alcançar o nível B1.1 do Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas. São destacados os tipos de treinamentos preparatórios em vários níveis educacionais para os imigrantes. Além disso, há a descrição do projeto de integração de língua para o ingresso de imigrantes nas universidades e detalhes dos certificados nacionais de proficiência linguística, realizados por aproximadamente 9 mil pessoas por ano e utilizados para demonstrar proficiência linguística requerida para a obtenção da cidadania finlandesa.

O segundo capítulo, escrito por Maria Papadopoulou, Sofia Tsioli e George Androulakis destaca os dados do refúgio na Grécia, e o entorno da educação em situação de emergência que visa proporcionar o senso de normalidade, restaurar a esperança, além de auxiliar na cura psicológica causada pelo trauma da migração forçada. São discutidos o plano oficial grego para educação de crianças refugiadas, iniciado em 2016, e os problemas que surgiram como a taxa de implementação lenta, além de reações adversas instigadas pela extrema-direita. Os autores ressaltam as abordagens metodológicas baseadas na etnografia linguística, assim como entrevistas e aplicação de questionários que visavam reconhecer a diversidade da população infantil refugiada para preparar intervenções educacionais como a Ação 19, discutida mais a fundo ao longo do capítulo. A Ação 19 durou um ano e, segundo os autores, foi positiva, porém considerada negativa por alguns, pois pensavam que a integração ao sistema de ensino grego atrasaria, ou prejudicaria processos de realocação dos migrantes, uma vez que consideravam a Grécia como um lugar de passagem. Por isso, houve uma necessidade de reestruturar o projeto para corresponder à condição linguística e cultural diversa que garantisse o planejamento participativo e reforçasse práticas translinguísticas com o uso da multimodalidade. Dessa forma, desenvolveram atividades baseadas em criação de histórias universais, jogos e brincadeiras, expressões por meio da arte.

O terceiro capítulo, de Hannah Franke, Nele Bender, Na Chen e Katharina Quicker, trata de

experiências sobre as condições do ensino de alemão como segunda língua para refugiados e imigrantes. Os cursos de integração na Alemanha, iniciados em 2005, são promovidos pelo governo alemão a migrantes com vínculo empregatício, familiar ou por razões humanitárias e àqueles que não têm conhecimento suficiente da língua alemã e recebem auxílio social por precisarem se integrar ao mercado de trabalho. Há um modelo de financiamento do curso com 700 a 900 horas, e que aborda tópicos da vida cotidiana e alfabetização. Ao seu término, os alunos frequentam o curso de orientação com temas sobre sistema legal, história, cultura, direitos e formas de convivência na sociedade desse país, além da realização da prova exigida para obtenção da cidadania. As experiências e desafios apontados pelos autores são as dificuldades pessoais relativas às vivências do refúgio, às salas heterogêneas com diferentes graus de escolaridade e à variação de faixa etária. As autoras citadas no princípio deste parágrafo descrevem o funcionamento do ensino de alemão como segunda língua nas escolas, o perfil dos alunos, predominantemente de língua árabe, as principais barreiras para sua integração e os problemas relacionados à formação de professores. É apresentada a modalidade de alemão para refugiados com o interesse em estudos acadêmicos, cujas problemáticas estão na diferenciação e possibilidades, a depender do estatuto migratório de cada um, além das burocracias e do grau de exigência em língua alemã para o ingresso à universidade, o que acarreta desistências do curso em razão das dificuldades de aprendizagem e dos problemas financeiros. Por último, são abordados processos de exclusão de refugiados sofridos por pessoas do Afeganistão e descrição de cursos "substitutos" que contam com voluntários e que visam facilitar a integração de imigrantes à sociedade alemã.

O penúltimo capítulo, escrito por Manuel Rubio e Raquel Rubio, trata das novas demandas, a partir de 2015, do ensino de espanhol como língua estrangeira no Chile. O foco está na migração haitiana e nos desafios de formar especialistas para trabalhar com esse público

e na apresentação do curso de especialização para professores. Os cursos de espanhol para imigrantes haitianos surgem em 2016, como o seu desenho a partir da demanda, o ingresso de novos profissionais a esta modalidade de ensino, elaboração de materiais multidisciplinares e, em 2018, o envolvimento de outros departamentos da Universidade de Santiago do Chile para a elaboração de um livro para alunos iniciantes. Sobre o curso de especialização, os autores destacam a ausência de formação especializada em espanhol como língua estrangeira no país e descrevem as características do curso de 150 horas, baseado em um diálogo cooperativo e de saberes em uma perspectiva intercultural e na relação dialética entre teoria e prática.

O último capítulo também trata do espanhol como língua estrangeira no Chile, em especial, a leitura e a escrita como mecanismos de inclusão para jovens haitianos na educação chilena. A autora, Ana Marques, destaca o novo cenário migratório do país com a chegada dos imigrantes haitianos e como os dados divulgados pela mídia revelam um panorama complexo e distorcido, levando o governo a agir sobre a inserção desses migrantes no seu sistema de ensino. São apontadas suas dificuldades de ingresso a partir de uma proposta com referencial teórico em estudos críticos do discurso, em especial da Linguística Sistêmico Funcional, para verificar as motivações quanto ao domínio do letramento em espanhol, baseado em um contexto de situação, relacionado com as funções sociais do uso da linguagem. A metodologia é pautada em grupos focais que responderam às perguntas que orientam o trabalho, cujos relatos autênticos coletados demonstram como esses estudantes sentem-se incluídos ou excluídos no ambiente escolar e social, a partir do domínio das práticas de leitura e escrita. Como reflexões finais, destacam-se o reconhecimento e o valor dessas atividades em matérias cursadas, por outro lado, a autora destaca que realizar a matrícula na escola é fácil; difícil é a permanência desses imigrantes sempre marcada por processos de exclusão.

Em conclusão, uma das contribuições do livro

é o ineditismo de ser a primeira coletânea de PLAc no país, gratuita e *online*, que reúne textos nacionais e internacionais traduzidos em português, para diálogos e reflexões que agregam, sobremaneira, à formação de educadores no âmbito das línguas não maternas como também àqueles interessados em compreender os fenômenos em torno das migrações.

Um segundo ponto positivo está na ênfase dada, na primeira parte do livro, às críticas apresentadas ao Estado brasileiro e suas omissões quanto à recepção dos migrantes, à falta de apoio para a formação de profissionais da área de PLAc e do ingresso de migrantes ao ensino superior, embora, em alguns capítulos, seja possível notar resultados positivos pela persistência e anos de trabalho dos profissionais. Na segunda parte do livro, nas experiências realizadas no exterior, também foram verificadas omissões dos governos e práticas de exclusão, o que nos leva a concluir que se trata, de fato, de uma problemática global. Quanto a essa questão, vale destacar os projetos que se utilizaram de fábulas e contos universais como estratégias para desmitificar o caráter negativo associado às migrações e para aproximar pessoas. Além disso, vale destacar as oportunidades dadas aos migrantes de mostrar e valorizarem suas culturas por meio de projetos que envolviam suas literaturas, ou pela coleta de suas narrativas autênticas utilizadas nas análises.

O livro é altamente recomendado aos profissionais que se dedicam aos estudos de linguagens, mas também a todos aqueles que se interessam pelas migrações, pelas diversidades características do século XXI e, principalmente, é leitura obrigatória para quem se interessa pela área de Português Língua Adicional, especialmente, Português Língua de Acolhimento.

Eric Júnior Costa

Doutor em Estudos de Linguagens pelo Centro de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), em Belo Horizonte, MG, Brasil; mestre em Português como Língua Não-Materna pela Universidade Aberta de Portugal, Lisboa. Atua no âmbito das migrações forçadas e do Português como Língua de Acolhimento (PLAc).

Frederico Alves Caiafa

Doutorando em Estudos Artísticos – Artes e Mediações pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL), em Lisboa, Portugal. Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Licenciado em Língua Inglesa e Portuguesa e suas respectivas literaturas pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNIBH), em Belo Horizonte, MG, Brasil.

Endereço para correspondência

Eric Júnior Costa

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Av. Amazonas, 5253

Nova Suiça, 30421-169

Belo Horizonte, MG, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.